

---

## ***Castanhas e cascavelhos – ou como um regionalismo do Minho evidencia a relação entre as vivências e a língua***

---

*José Teixeira*

*CEHUM - Universidade do Minho*

Data de recepción: 12/10/2015 | Data de aceptación: 10/02/2016

*As palabras dançam nos olhos das pessoas  
conforme o palco dos olhos de cada um”*

*Almada Negreiros, A Invenção do Dia Claro*

### **Resumo:**

A partir da palavra “cascavelho” utilizada por um entrevistado do Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense<sup>1</sup> (e dado o facto de que nenhum dicionário da Língua Portuguesa a regista), efetuou-se um conjunto de mais de 500 inquéritos feitos no Norte de Portugal para tentar perceber:

1. A atual existência ou não da palavra no léxico regional da zona geográfica que inclui a fala bracarense;
2. A dimensão sócio-cognitiva que a palavra evidencia;
3. A relação entre o conhecimento da palavra e as dimensões regionais e etárias;
4. O léxico como um sistema aberto, composto por unidades que foram estruturantes, mas que podem desaparecer sem (quase) deixarem vestígios.

### **Palavras-chave:**

Léxico; significado e concetualização; regionalismos; cascavelho.

### **Sumário:**

1. O léxico e a norma culta
2. Um achado lexical no PSFB: Sociolinguística ou Arqueolinguística?
3. A importância da metaforização
4. O mesmo conceito, outras designações
5. Conclusão.

---

1 O projeto Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense (PSFB) é um projeto de investigação apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009) desenvolvendo-se de 2011 a 2014. Procurou registar dados da fala que refletissem a realidade linguística de uma determinada comunidade (zona urbana e semi-urbana de Braga), visando uma melhor compreensão dos aspetos ligados às formas e sistematicidade da variação linguística. Consistiu na recolha de um corpus oral transcrito para posterior análise linguística. Os dados e o corpus podem ser encontrados em <https://sites.google.com/site/projectofalabracarense/>

## ***Good and bad chestnuts - or how a Northern Portuguese (from Minho) regionalism shows the relationship between life and language***

### **Abstract:**

*Starting from the word “cascavelho” found in the project Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense and given the fact that no dictionary of the Portuguese language includes it, we carried out a set of more than 500 inquiries conducted in the North of Portugal trying to understand:*

- 1 If the word is still used in the lexicon of the regional variety area;*
- 2 The social-cognitive dimension revealed by this word;*
- 3 The relationship between the uses and the meaning of this word and some regional and age dimensions;*
- 4. The lexicon as an open system, once composed by several main words that can now disappear from the living lexicon without leaving any traces of existence.*

### **Key words:**

*lexicon; meaning and conceptualization; Northern Portuguese regionalisms; “cascavelho”.*

### **Contents:**

- 1. The lexicon and the norm. 2. A lexical found in PSFB: Sociolinguistics or Archaeolinguistics? 3. The importance of metaphORIZATION. 4. The same concept, other designations. 5. Conclusion.*

## 1. O léxico e a norma culta

Certa tradição nos estudos linguísticos tem sido madrastra relativamente à variação lexical. Na realidade, os trabalhos sobre a variação linguística costumam, frequentemente, olhar para as variações do léxico como etiquetas regionais para termos que possuem, dentro da língua padrão, a sua versão terminológica culta. Por isso, os termos variantes, fora da norma dita “cultu”, são apelidados de “plebeísmos”, “regionalismos” ou “provincianismos” com toda a valoración negativa que estes classificativos possuem, contrastando com a posição tida como superior da norma padrão.

Não admira, por isso, que plebeísmos, regionalismos, provincianismos, sejam vistos como dispensáveis na descrição lexical da língua. Ou, então, tidos como curiosidades etnográficas sobre a tipicidade de determinados termos e determinadas regiões. Nesta visão, o termo regional é sempre encarado como um alter-termo, um termo substituto, compondo, portanto, um sublético variante e duplicador do léxico padrão.

Mas nem sempre as coisas são assim. O elemento lexical visto como regionalismo pode, em rigor, não ser um elemento variante, pode não ter um termo correspondente no léxico padrão da língua. Isto acontece quando o dito regionalismo corresponde a um conceito não partilhado pela totalidade dos falantes, mas apenas conhecido numa parte da comunidade linguística. Nestes casos, a palavra regional não é uma variante, não é possível fazê-la corresponder a nenhuma outra do léxico padrão, já que ela implica uma concetualização inexistente fora dessa comunidade que a usa. Assim, nestas situações, excluir o elemento lexical é excluir o conceito, a vivência do mundo que representa e toda a rede semântica construída a partir dele.

## 2. Um achado lexical no PSFB: Sociolinguística ou Arqueolinguística?

Um exemplo que ilustra o que atrás se disse sobre o carácter não alternativo de determinadas concetualizações lexicalmente entendidas como regionalismos encontra-lo no corpus do PSFB (ver nota 1): a palavra *cascavelho*.

É usado por uma falante (76 anos) quando conta o nascimento do primeiro filho. Ela tinha 17 anos e diz que era “uma cascavelha” (Figura 1)<sup>2</sup>.

---

2 Na impossibilidade de apresentar aquí o registo áudio, apresenta-se não apenas o texto em formato normativo mas a transcrição rigorosa coordenada com o tempo.

Ent3	•• E pode-me contar o nascimento do seu primeiro filho? •• Como
Fal79	290 [13:00.2] 291 [13:03.0]
Ent3	é que foi?
Fal79	O nascimento do meu primeiro filho tinha dezasete anos. •••
	292 [13:08.1]
Fal79	((hesitação)) Eu fui ... Ainda falamos nisto um día desta semana. Eu fiz deza/ eu
	293 [13:13.2]
Fal79	fiz dezasete anos em dezembro e ele nasceu em fevereiro ••• e foi para o
	294 [13:18.9]
Fal79	hospital, •• nem tinha enxoval, nem tinha nada •• quando foi. ((risos)) •• Aquilo
	295 [13:21.4] 296 [13:23.6]
Fal79	também/ •• aquilo era, pronto... •• De qualquer maneira ele era •• era era,
	297 [13:28.8]
Fal79	pronto, ((hesitação)) era um/ foi um menino muito bem educado, •• está
	298 [13:32.7]
Fal79	formado, •• muito bem educado, muito/ •• ((hesitação)) não lhe faltava nada.
	299 [13:36.1] 300 [13:39.1]
Fal79	Porque depois elas viram que eu era uma cascavelha, não é? •• E que também
	301 [13:42.1]
Fal79	vivia numa miséria. tiraram-mo. •• ••

Figura 1

A forma como esta palabra dificultou a transcrição entre o grupo de investigadores do projeto PSFB trouxe à superficie uma realidade por vezes esquecida: há palabras que são fundamentais nas vivências de uma comunidade, que até pode ser vasta, mas que podem simplemente desaparecer sem deixar rasto, porque alterando-se as vivências comunitárias, dessas palabras nada fica registado porque os seus utilizadores não tinham acceso aos instrumentos de fixação linguística (dicionários).

Dentro do grupo, os investigadores do PSFB interpretaram primeiramente *cascavelha* como *casca velha*, ou seja, interpretaram que alguém com 17 anos que teve um filho (relato da entrevistada) se considerava uma pessoa (uma *casca*) *velha*. Ora não é este o conceito metaforizado. *Cascavelho* é um conceito fundamental para se perceberem certas vivências desta região de Portugal. Não foi por acaso que a entrevistada o escolheu para metaforizar uma das situações mais dramáticas da sua vida: quando o seu primeiro filho nasceu, não a deixaram ficar com ele, porque ela era “uma cascavelha”, significando, alguém muito débil, franzina, sem valor, fisicamente e como pessoa.

Este sentido metafórico advém do conceito físico de *cascavelho*, designando uma castanha que não chegou a formar-se completamente, tendo ficado atrofiada. Num ouriço, onde estes frutos se desenvolvem, habitualmente nascem duas ou três castanhas. No entanto, por vezes, uma delas não se chega a desenvolver porque as outras enchem o ouriço (Figura 2).



Figura 2: cascavelho entre duas castanhas num ouriço

Este conceito de *cascavelho* pode parecer ridiculamente inútil ou acessório para quem viva em sociedades urbanas da atualidade, mas ele era importante nas comunidades que faziam da castanha um dos principais elementos da alimentação. Saber distinguir o que era bom e aproveitável (a castanha) do que era fraco e não aproveitável (*cascavelho*) era fundamental nesse contexto vivencial.

Na verdade, não fazemos hoje ideia da importância da castanha, até ao aparecimento no, pós-Descobrimentos, do milho e da batata, como base da alimentação. Foi a castanha que permitiu, segundo várias opiniões, que o território que viria a ser Portugal nunca ficasse desabitado (tese do ermamento), mesmo no tempo das guerras da reconquista, já que esse fruto, que não precisa de ser cultivado, talvez fosse o recurso de sobrevivência na época medieval.

Ainda hoje podemos encontrar indícios que evidenciam a importância que a castanha teve nos tempos passados: o uso que ainda lhe é dado na alimentação (pode comer-se crua, cozida, assada, em sopa, como pão, em bolos, entre outros usos); a quantidade enorme de topónimos com nomes como “Souto” ou dele derivados, denotando a importância que tinham os “soutos”, ou seja, as áreas dos castanheiros; o facto de a palavra ter ficado a ser nome de uma cor, o que demonstra que era o elemento cognitivamente mais relevante ligado a essa cor, ou ainda os rituais que continuam a manter-se (S. Martinho) e as inúmeras adivinhas ligadas a castanha-ouriço-castanheiro.

No entanto, nenhum dicionário (pelo menos dos dicionários institucionais, atuais ou passados ou qualquer outro dos até agora pesquisados) regista a palavra *cascavelho*.

É, portanto, uma palabra inexistente no “Registo Civil” da língua. Uma palabra condenada a não deixar memória, embora fundamental nas vivências de uma vasta região.

O facto de ter aparecido no corpus do PSFB que revela? Será mesmo uma palabra completamente morta, que nem sequer cadáver deixou em nenhum dicionário, etimológico ou outro, ou terá ainda uma vitalidade não reconhecida?

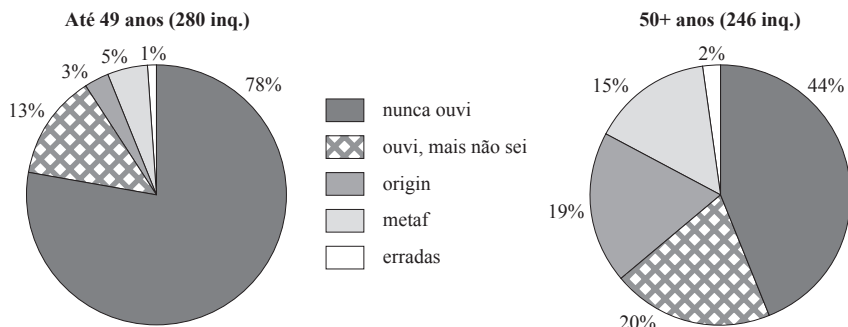
Para tentar obter respostas a estas questões, foram realizados 526 inquéritos<sup>3</sup> a indivíduos entre os 17 e os 92 anos residentes não apenas na área urbana e semiurbana de Braga correspondente à área do PSFB, mas também noutras localidades circundantes. O inquérito (ver Figura 3) implicava a pergunta *Conhece ou já ouviu a palabra “cascavelho”?* sem ser fornecido qualquer contexto ou explicação. O inquirido tinha as opções “[ ] Nunca ouvi; [ ] Ouvi, mas não sei o que significa; [ ] Sei o que significa”, e escolhendo esta última dizia o significado que lhe atribuía e que era registado por quem fazia o inquérito.

freguesia _____	concelho _____	idade _____
<b>Conhece ou já ouviu a palabra “cascavelho”?</b>		
[ ] Nunca ouvi		
[ ] Ouvi, mas não sei o que significa		
[ ] Sei o que significa:		
_____		

Figura 3: Inquérito sobre *cascavelho*

Pelas respostas obtidas, pôde observar-se que um número significativo de falantes, especialmente a partir dos 50 anos, conhecia a palabra (ver Figuras 4a e 4b). A palabra, afinal, continua(va) viva, só que apenas ainda utilizada por falantes que partilharam direta ou indiretamente vivências ligadas a ambientes rurais. Entre os falantes com 50 ou mais anos de idade, 34% (mais de um terço) conhecia a palabra e sabiam usá-la com o valor adequado, para além da percentagem (20%) que dizia já a ter ouvido mas não saber o que significava. Não são números residuais: antes pelo contrário, evidenciam o espantoso facto de a palabra desconhecida por todos os dicionários (mesmo todos) ser talvez mais conhecida hoje do que muitos termos técnicos ou eruditos (que obviamente aparecem dicionarizados em alguma obra lexicográfica).

3 Inquéritos realizados pelos alunos do 1º ano do Mestrado de Ciências da Linguagem e do Mestrado de Português Língua Não Materna do ano letivo 2013-2014. Como a finalidade não era a de verificar a percentagem de utilização em cada grupo etário ou de género, mas apenas a de verificar se ainda havia quem reconhecesse e usasse a palabra, os inquéritos foram aplicados mais ou menos aleatoriamente entre os falantes conhecidos e vizinhos dos alunos entrevistadores.



Figuras 4a (até 49 anos) e 4b (50+anos)

Se olharmos para as freguesias de Braga (mapa da Figura 5) em que o inquérito foi realizado<sup>4</sup>, podemos notar a diversidade geográfica das respostas que indiciam o conhecimento quer do sentido original e objetual do termo (legendado “cascavelho”) quer do sentido metafórico (legendado “cascavelho metafórico”).

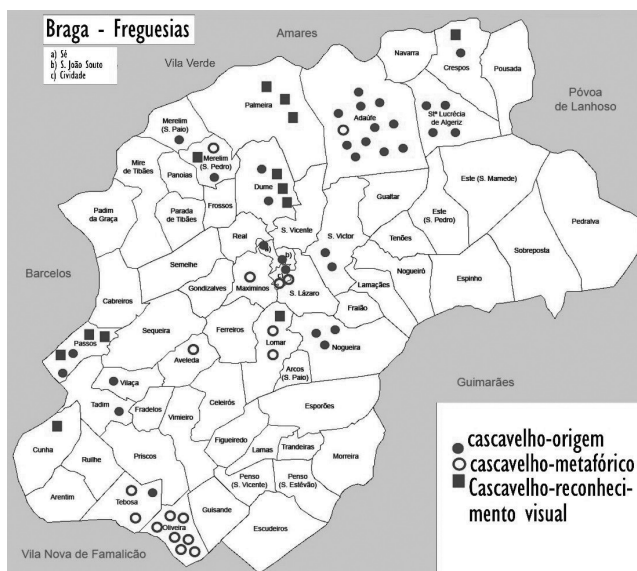


Figura 5

4 O inquérito não foi feito em todas as freguesias do concelho de Braga, porque não tinha a finalidade de comprovar o grau de conhecimento absoluto da palavra, mas apenas a de investigar se nas freguesias em que era feito se havia ainda alguém que conhecia a palavra *cascavelho*.

Para além do inquérito referido (Figura 3, com os resultados geograficamente assinalados na Figura 5) um outro foi feito (apenas por um aluno e portanto em menos freguesias) através de um reconhecimento visual: mostravam-se cascavelhos aos inquiridos e perguntava-se “Que nome dá a isto?”. Também no mesmo mapa da Figura 5 podem verificar-se as zonas em que o reconhecimento foi feito com a palavra *cascavelho* (legendado como “Cascavelho reconhecimento visual”).

Os inquéritos também permitem perceber que o reconhecimento do termo se estende para áreas bastante mais vastas que a região de Braga, pelo menos desde Viana do Castelo até zonas para além do Minho (Mapa da Figura 6).

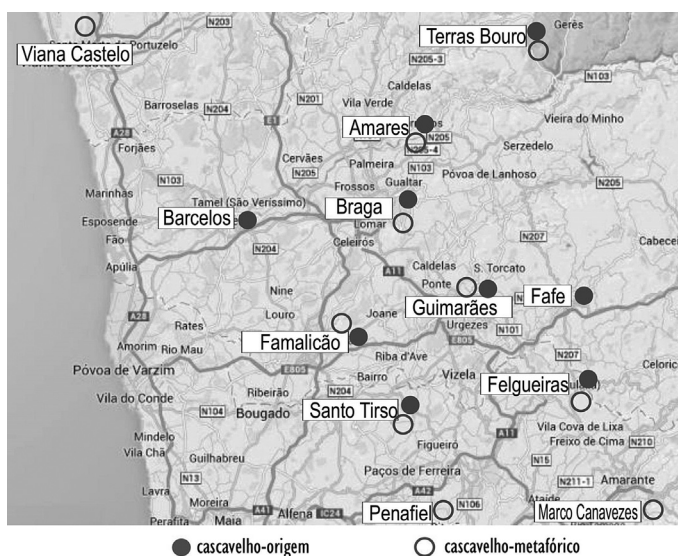


Figura 6

### 3. A importância da metaforização

É hoje pacífico o reconhecimento da importância fundamental que têm os processos metafóricos na construção de novas concetualizações e novos sentidos na estrutura lexical de uma língua. A partir de Lakoff, & Johnson (1980) com variadíssimas aportações mais recentes (destacando sobretudo Fauconnier, & Turner 1996, 1998, 2002) o processo metafórico tem evidenciado como se entrecruzam as redes semânticas decorrentes da tendência da cognição humana de perspetivar um conceito em



função de outro ou, conservando a terminologia de Lakoff, como um domínio Fonte possibilita a perceção e metaforização de um domínio Alvo.

É interessante verificar como este caso ilustra como a rede metafórica sobrevive à origem da construção do processo, o nome do objeto “cascavelho”. Uma grande parte dos inquiridos não conhece o conceito original de *cascavelho*, mas conhece as extensões metafóricas. Se bem que não se possam traçar fronteiras discretas entre os valores metafóricos, já que eles constituem um contínuo, podem-se, contudo, assinalar os principais 4 picos significativos e verificar como cada um deles se relaciona com os outros:

**metáfora1:** *cascavelho* > *frutos/animais não desenvolvidos*

Concelho	Freguesia	Id.	Resposta efetiva
Braga	Oliveira (S. P.)	84	frutos e animais que não se desenvolveram
Braga	Oliveira (S. P.)	54	Criança ou animal que não desenvolve, que é tolhido, raquítico, fraquinho
Braga	Oliveira (S. P.)	90	maçãs, peras, ou outros frutos que não desenvolveram; também se usa para porcos e outros animais
Famalicao	Ruivães	56	fruta miúda que era para os animais
Famalicao	Vermoim	62	frutos pequenos, secos que só serviam para alimentar os porcos
Braga	Lomar	40	para mim é uma coisa pequena. A essa castanha pequena dávamos o nome de bolera
Braga	Oliveira (S. P.)	51	coisas que não se desenvolvem

**metáfora2:** *cascavelho* > *criança franzina*

Concelho	Freguesia	Id.	Definição
Amares	Rendufe	51	É uma pessoa miudinha, uma pessoa que não cresceu, uma pessoa raquítica.
Amares	Prozelo	60	Diz-se do filho mais miudinho e fraquinho
Amares	Lago	51	Eu sou um cascavelho! Sou pequenina e magrinha.
Braga	Maximinos	47	Pessoa pequena (idade) mas que sabe o que faz, que é capaz. Ou também o bicho da batata.
Braga	Adaúfe	49	cascavelho pode ser várias coisas, mas penso que seja um rapaz pequeno.
Braga	Cividade	81	É uma pessoa pequena mas que tem capacidades, é capaz de fazer as coisas.
Braga	Oliveira (S. P.)	74	frutos que não cresceram
Braga	Aveleda	61	pessoa, normalmente uma criança, que é pequena

Concelho	Freguesia	Id.	Definición
Felgueiras	Margaride	87	Talvez venha de casca; relacionado com as cascas. É un termo que se chamava aos miúdos
Felgueiras	Margaride	73	Tenho a ideia que é un bicho qualquer. “Ó meu cascavelho!” usa-se para as crianças.
Guimarães	Brito	47	Já ouvi a expresión: “pareces un cascavelho”, quer dizer que é una pessoa franzina.
Marco Canavezes	Vila Boa de Quines	22	Aquí na minha terra essa palabra é utilizada para descrever una criança que se mete em tudo e que quer saber tudo, mas acho que são as pessoas mais velhas que a utilizam
Penafiel	Vila Cova	22	Aquí na aldeia atribui-se essa palabra a una criança assim para o metediça.
Santo Tirso	Aves	85	pessoa ou coisa pequena, miúda, raquítica
Famalicão	Famalicão	62	pessoa pequena; palabra usada com um sentido depreciativo

**metáfora3:** *cascavelho* > *coisa com pouco valor*

Concelho	Freguesia	Id.	Definición
Amares	Prozelo	21	É algo já antigo ou de pouco valor
Amares	Prozelo	49	É algo já antigo ou de pouco valor
Amares	Prozelo	50	É algo já antigo ou de pouco valor
Braga	S. P. Merelim	50	coisa pequena, sem valor
Felgueiras	Margaride	75	uma coisa que não presta
Felgueiras	Margaride	69	Talvez uma coisa que não vale nada
Felgueiras	Margaride	66	É uma coisa que não presta. “Olha que cascavelho aquí está!”
Felgueiras	Margaride	66	Coisa sem valor. Exemplo “Tu és un cascavelho”.
Guimarães	Fermentões	57	É uma coisa que não presta para nada.
Guimarães	Serzedo	66	O cascavelho é qualquer coisa velha que não presta.
Guimarães	Serzedo	26	É uma coisa velha, sem interesse.
Guimarães	Urgezes	59	É algo que não presta
Guimarães	Infantas	50	Coisas velhas que não prestam.
Guimarães	Serzedo	65	Um fruto que não presta.
Guimarães	Urgezes	75	Quando estamos todos juntos a falar e depois vemos una pessoa dizia-se: “aquele ali parece un cascavelho”. Dizíamos no sentido pejorativo.

Concelho	Freguesia	Id.	Definição
Guimarães	Serzedo	53	As pessoas diziam: “não vales um cascavelho”. Queria dizer que era muito fraquinha de saúde.
Guimarães	Urgezes	46	Ia-se à beira de uma pessoa e dizia-se “ó meu cascavelho”, utilizava-se a expressão para falar de uma pessoa acanhada, “parola”.
Santo Tirso	Aves	83	uma coisa ou pessoa que não vale nada, inútil, ridícula
Santo Tirso	Aves	51	uma coisa sem valor, que não presta
Santo Tirso	Aves	68	pessoa ou coisa sem valor, sem importância - costuma ouvir/dizer “pinchavelho” em vez de cascavelho
Santo Tirso	Aves	59	coisa de pequena dimensão, sem valor, sem importância - costuma ouvir/dizer “pinchavelho” em vez de cascavelho
Santo Tirso	Vilarinho	71	pessoa que não vale nada
Terr. Bouro	Covide	28	Costuma-se dizer: “Isto é só cascavelhos!” quando não presta.

**metáfora4:** *cascavelho* > *pessoa com comportamento negativo*

Concelho	Freguesia	Id.	Definição
Braga	Lomar	28	Penso que é uma palavra usada na gíria quando em determinada situação achamos que alguém se enganou a fazer qualquer coisa, não estava atento e então chamamos essa pessoa de “cascavelho”.
Braga	Cividade	85	Uma pessoa que demora muito a fazer as coisas.
Braga	Oliveira (S. P.)	56	pessoa metedixa, que sabe tudo da vida dos outros
Braga	Oliveira (S. P.)	68	pessoa que fala à toa
Braga	Tebosa	35	uma pessoa que fala dos outros sem pensar
Braga	Tebosa	55	uma pessoa que fala de mais
Santo Tirso	Aves	41	alcunha de uma pessoa coscuilheira, que fala e se mete na vida alheia
Viana Castelo	Perre	45	uma pessoa que se mexe muito.

O esquema da Figura 7 procura representar as ligações que possibilitaram a génese e a estruturação dos picos metafóricos dos usos atrás elencados (metáfora1-cascavelho > *frutos/animais não desenvolvidos*; metáfora2-cascavelho > *criança franzina*; metáfora3-cascavelho > *coisa com pouco valor*; metáfora4-cascavelho > *pessoa com comportamento negativo*).

Sendo o domínio experiencial o domínio dos frutos em crescimento, é muito natural que se acione a metáfora FRUTO A NASCER É ANIMAL A NASCER. Tal como

o emprego do verbo *nascer* testemunha, para ambos os casos, a castanha a nascer é percecionada similarmente ao nascimento de um animal. Desta perceção prioritária decorrerá, como é fácil de perceber, o significado [metáfora1-cascavelho > *frutos/animais não desenvolvidos*], aparecendo o atributo do não desenvolvimento precisamente a marcar a diferença entre a castanha e o cascavelho.

Esta vertente possibilita, desde logo, a antropomorfização da castanha. As variadas adivinhas que há sobre este fruto, metaforizam-na habitualmente, como pessoa jovem criança ou donzela, guardada (pelos espinhos) numa casa (o ouriço):

Mil soldados a guardar  
 Uma morena donzela  
 E deixam-na escapar  
 Por uma estreita janela.

O atributo [não cresceu] vai acionar não apenas [pouco valor, anormalidade], mas, como estamos dentro do domínio da antropomorfização, em vez do de [donzela] aciona o de [criança]+[não desenvolvida] e por isso metáfora2-cascavelho > *criança franzina*. Generalizando e saindo da antropomorfização, aparece metáfora3-cascavelho > *coisa com pouco valor*. Generalizando e abstraindo ainda mais, oblitera-se a fisicidade e substitui-se pela sua representação valorativa, aparecendo metáfora4-cascavelho > *pessoa com comportamento negativo* (ver Figura 7).

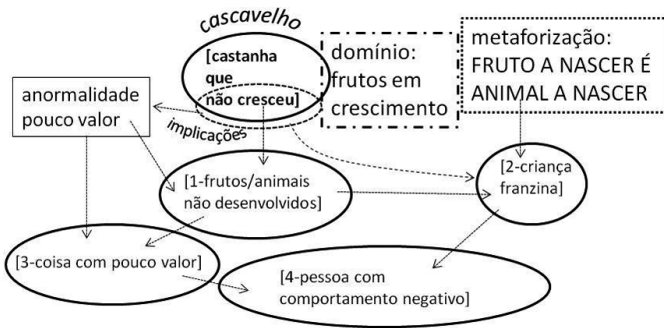


Figura 7

Penso que se podem interpretar os dados como indicando que uma grande parte dos falantes já não conhece o significado de origem, mas apenas os derivados. Serão os casos de (quase todos?) os falantes que indicaram como significado primeiro algum dos valores metafóricos. Na faixa etária de mais de 50 anos, o valor original foi o primeiramente indicado (mas não por grande diferença: 19%



significado original-15% significados metafóricos). E nos de idades menores que 50 anos, embora a quantidade total seja inferior, os valores metafóricos foram indicados prioritariamente por quase o dobro dos inquiridos (5% contra 3%), o que indicia o facto de que nesta faixa etária a metaforização permanece como vestígio da concetualização original. Este facto é interessante, pois demonstra, mais uma vez, como os rebentos metafóricos, depois de nascerem, podem seguir o seu percurso, mesmo esquecendo, o falante, as causas que os originaram.

É relevante verificar como o termo aciona nos falantes toda a estrutura concetual (original e metafórica) de tal modo que, por vezes, o inquirido como que sente necessidade de explicar o processo a quem lhe faz o inquérito:

“É uma pessoa que está tísica. Faz-se a comparação com uma parte do ouriço. Quando uma castanha não cresce fica magra, logo faz-se essa comparação” (Braga, Adaúfe, 78 anos).

A importância do conceito e da sua vertente metaforizada transparece, igualmente, ao notarmos que ainda se reconhecem tradições que denotam as associações *cascavelho* > *criança* (curiosamente a aceção que aparece no corpus do PSFB). Estão, neste caso, rituais ancestrais ligados às práticas e crenças dos nascimentos das crianças nesta região do Minho:

“Uma outra arte de adivinhação empregue para saber o sexo de uma criança antes dela nascer, e que se encontra difundida por toda esta região do Minho, consiste em lançar ao lume da lareira um cascavelho (ouriço) de castanha: se, passado algum tempo, acabasse por estourar, adivinharia rapaz, se apenas bufasse augurava rapariga. Em freguesias como Oliveira e Travassos, quando uma criança está para nascer, os seus familiares têm o costume de lançar ao fogo o cascavelho, cuspindo-lhe em seguida. Com o calor do lume, o cascavelho começa a inchar e, se acaba por estourar estrepitosamente, anuncia um rapaz; se apenas produz um ligeiro sopro, pressagia uma rapariga: Noutros sítios, diz-se que é rapaz se o cascavelho arder completamente”. (Neves, 1994: 54)

Esta passagem é bastante significativa porque demonstra que o conceito de *cascavelho* aparecia ligado metaforicamente a *criança* e às metaforizações de nascimento de uma forma muito marcada, talvez com tradições de séculos, o que comprova ter sido um conceito fundamental e com certeza muito conhecido e linguisticamente partilhado por toda a comunidade<sup>5</sup>.

5 O autor do artigo parece confundir “cascavelho” e “ouriço”, ou seja o invólucro em que estão as castanhas e os cascavelhos. Quando diz “em lançar ao lume da lareira um cascavelho (ouriço) de castanha: se, passado algum tempo, acabasse por estourar, adivinharia rapaz, se apenas bufasse augurava rapariga”, não pode querer dizer que cascavelho é o mesmo que ouriço, porque os ouriços

No entanto, apesar de ter uma tradição de séculos de uso, de ter uma importância etnolingüística facilmente comprovável, de ser ainda usada por um grande grupo de falantes e de ser fonte de metaforizações muito importantes, a palavra “não existe” em nenhum dicionário do Português Europeu ou Português Brasileiro. Apagam-se, assim, vivências e concetualizações de comunidades inteiras. É, para os registos oficiais da língua, como que se a palavra –e o conceito– nunca tivessem existido.

Mas não só existiu (e existe ainda) como pode mesmo ter sido levada para fora de Portugal. Na verdade, encontra-se o seu uso no Português Brasileiro como alcunha e nomes de bairros e em Cabo Verde aparece “Ponta Cascavelho” como nome de uma localidade. Coincidências ou descendências de algum navegante minhoto?

Se na lexicografia portuguesa o termo é inexistente, encontramos um aparentado (ou correspondente?) lexical registado na lexicografia galega. O dicionário *online Dicionario da Real Academia Galega* regista a palavra *cascabello* como sinónima de *cascabullo* com valores muito semelhantes aos da portuguesa *cascavelho*, fazendo supor raízes comuns<sup>6</sup>:

“**cascabello**/ substantivo masculino/ Os ratos cómenche o trigo e deixan o cascabello. [...]”

“**cascabullo**/ Para todas as acepcións Sinónimo cascabello/ substantivo masculino/ 1 Envoltura delgada e quebradiza do gran de trigo, cebada, arroz etc., ou de certos froitos como a landra ou a améndoa/ O cascabullo que ía quedando de moer os grans botábano nun saco á parte”.

#### 4. O mesmo conceito, outras designações

Se o conceito era tão importante para a comunidade do Minho e arredores por causa de a castanha deter um papel fundamental, é de esperar que o conceito exista igualmente noutras regiões em que se verifiquem as mesmas circunstâncias.

E assim acontece, na realidade, na outra metade interior do norte de Portugal, a região de Trás-os-Montes. Aqui, no entanto, para o mesmo conceito existe uma outra designação, a palavra *folecrá/ bolecrá* (e ainda outras variantes). E, facto curioso, ao contrário do que acontece com *cascavelho*, esta palavra (*bolecrá/ folecrá*) aparece registada em vários dicionários.

---

não estouram nem “bufam” no lume: apenas os cascavelhos, porque são cascas ocas, o podem fazer.

6 [http://www.realacademiagalega.org/dicionario#loadNoun.do?current\\_page=1&id=319533](http://www.realacademiagalega.org/dicionario#loadNoun.do?current_page=1&id=319533) [consultado em 3/6/2014].

Podemos encontrá-la em dicionários clássicos portugueses, como no *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*, de Augusto Moreno<sup>7</sup>, assim: “**Folecra**, f. (prov.) Castanha chocha, sem polpa.”; ou mesmo em brasileiros, como o Aulete: “**Folecra**, s. f. // Castanha sem polpa ou chocha.”

Encontra-se também nos dicionários *online*, como no *Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013*<sup>8</sup>: “fo•le•cra |é| / substantivo feminino/ 1. [Portugal: Trás-os-Montes] Nome de um pássaro./ 2. Castanha chocha ou sem polpa./ 3. [Figurado] Rapariga miudinha.” E, para apenas mais um exemplo, também no intitulado *Dicionário Net, Dicionário aberto de palavras em Português (PT + BR)*<sup>9</sup>: “Bolecra/ Português/ Substantivo/ bo.le.cra, feminino/ 1. (Trás-os-Montes) castanha que não se logrou, castanha chocha/ Etimologia/ Do latim bulla, bola e o sufixo -ecra. Cognatos: em galego: boleca, e bolerca; em asturiano: bollecu.”

Aliás, a forma tem tradição de registo, não apenas nos estudos dialetais portugueses, mas também espanhóis, como em Cortés Y Vásquez (1954: 140) (ver Figura 8) que regista as variantes *fulecra/ folecra/ folerca/ bolecra/ bolerca*.

140 LUIS L. CORTÉS Y VÁZQUEZ

---

**froxo** -a 'dóbil. 2. cobarde', gal. ACEVEDO, SCHNEIDER, port. *froízo*.  
**fuelle** 'fuelle'. KRÜGER, *GK* pg. 89 y *Léxico* 108.  
**fulecra** 'castaña hueca. 2. un pájaro'. BRAGA, *folecra e folerca* 'castanha engelada e sem miolo'; *folecra* 'castanha chôca' en Vila Pouca de Aguiar (Vila-Real), *RL XV* 349. SCHNEIDER, *bolecra*; CUVEIRO, *bolerca*; CANELLADA, *follicu* 'algo que queda hueco, vacío'; GARCÍA REV, *fulleco* 'gordo, hinchado, lleno'; CORTÉS, *Le-yenda* pg. 112 nota 6, *fullecu* 'pella de masa'; FIGUERO, *folecra*, prov. trasm. 'castanha chocha'. Véase además KRÜGER, en *AJLC IV* 101, por designar esta palabra al 'copo de nieve'. LAMANO recogió *fulleco* 'vano, hueco, vacío'. Para la acepción 2.ª FIGUERO, *fulecra* 'especie de passaro pequenino e muito vivo'. Para variantes y etimología vid. KRÜGER, *AJLC V* 194.

Figura 8 “Fulecra/ folecra/ folerca/ bolecra/ bolerca” em Cortés Y Vázquez

Outro termo utilizado pelos inquiridos na região de Melgaço foi o de *laverca*, quando lhes mostraram cascavelhos. Embora a forma não se encontre com este valor em nenhum dicionário consultado, é curioso que é registada na aceção de “pessoa magra” no Dicionário da Academia<sup>10</sup>, no *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* de

7 Editora Educação Nacional, Porto, 7ª Edição, 1961.

8 Dicionário <http://www.priberam.pt/dlpo/folecra> [consultado em 24-02-2014].

9 <http://dicionarienet.com/palavra/bolecra>, [consultado em 2/6/2014].

10 Academia das Ciências De Lisboa, 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Verbo, Lisboa. (Coordenação de João Malaca Casteleiro).

Cândido de Figueiredo (10ª Edição, S/ data), e no Aulete<sup>11</sup>, sempre como regionalismo do Minho. Será coincidência que esta aceção seja comum a *cascavelho*? Ou não terá sido que o significado de *laverca*, tal como o de *cascavelho*, incluía a dimensão objetual (a castanha raquílica) e a dimensão metafórica de “pessoa franzina” tendo o lexicógrafo só recolhido esta última dimensão?

## 5. Conclusão

Nada melhor que as palavras para se perceberem os jogos sociais de poder numa comunidade. As palavras “das pessoas cultas” ganham aos “regionalismos/ provincianismos”, como *cascavelho* acaba por ser considerado. E se destes nem registo ficou da sua existência, não se chega a perceber a importância dos conceitos e das vivências que representavam para as comunidades que os usaram. Não lhes reconhecer a existência, é condenar estas palavras a não deixarem rasto da sua passagem.

Daí a importância de, em projetos como o PSFB, se poderem reconhecer palavras que, ainda que importantes para uma comunidade, correm o risco de passarem sem deixarem rasto

Perdendo-se a palavra (sem dela ficar registo) desaparecem pistas preciosas, linguísticas, mas também etnológicas e sociológicas. Desde que registadas, não há palavras mortas. Mas não registar as palavras vivas é abatê-las antes de morrerem. Porque, tal como os cavalos do célebre filme de Sydney Pollack,<sup>12</sup> as palavras também se abatem.

## Referências

- Cortés Y Vásquez, Luis L. (1954). *El dialecto galaico-portugués hablado en Lubián (Zamora). Toponimia, textos y vocabulario*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Fauconnier, Gilles, & Turner, Mark (1996). “Blending as a central process of grammar”. En Goldberg, Adele (ed.), *Conceptual Structure, Discourse and Language*, 113-130. Stanford: CSLI Publications.

11 Garcia, Hamílcar de, 1986, *Dicionário Caldas Aulete* (5 vols.), 5ª ed.

12 “Os cavalos também se abatem” é o título por que ficou conhecido o filme “They Shoot Horses, Don’t They?” de Sydney Pollack, uma adaptação do romance de Horace McCoy com o mesmo título inglês. O filme representa a luta pela sobrevivência em ambientes hostis. Tal como acontece com os “plebeísmos” como *cascavelho*, palavras das camadas “não cultas” da língua.



- Fauconnier, Gilles, & Turner, Mark (1998). “Conceptual Integration Networks”, *Cognitive Science*, 22(2), 133-187. DOI: [http://dx.doi.org/10.1207/s15516709cog2202\\_1](http://dx.doi.org/10.1207/s15516709cog2202_1).
- Fauconnier, Gilles, & Turner, Mark (2002). *The way we think – conceptual blending and the mind’s hidden complexities*. New York: Basic Books. DOI: <http://dx.doi.org/10.1086/378014>.
- Lakoff, George, & Johnson, Mark (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226470993.001.0001>.
- Neves, António Amaro (1994). “Vir à luz—práticas e crenças associadas ao nascimento”, *Revista de Guimarães*, 104, 51-81.

## Anexo: respostas dos inquiridos que conheciam o termo *cascavelho*

Legenda: **Conc.**= Concelho; **Freg.**=Freguesia; **id.**=idade; **Resposta efetiva**= Resposta que efetivamente o falante deu.

Conc.	Freg.	id.	Resposta efetiva
Barcelos	Pousa	80	É a parte do ouriço quando não cresce.
Barcelos	Pousa	72	É uma castanha que não cresce.
Braga	Adaúfe	73	É a castanha que não cresceu, não vingou.
Braga	Merelim	57	É uma castanha que não cresceu.
Braga	S. Julião Passos	70	É uma castanha que não está acabada de criar, não tem miolo.
Braga	Tadim	79	É a gêmea da castanha que não desenvolveu.
Braga	Vilaça	80	É o filhote da castanha, é o filho da mãe.
Braga	Nogueira	38	castanha que não se desenvolve
Braga	Adaúfe	66	O ouriço dos castanheiros da uma castanha que vingava e outra que não se desenvolve, e isso é o cascavelho
Braga	Nogueira	79	era a castanha bebé que está no meio da castanha
Braga	Nogueira	81	era a castanha bebé que está no meio da castanha
Braga	S. Paio de Merelim	77	“ao abrir o ouriço e ver as castanhas que não se tinham desenvolvido, dizia-se que só tinha cascavelho”
Braga	S. Vitor	72	“castanha que não se desenvolveu”
Braga	Braga	46	“uma castanha seca, pequenina, que não se desenvolveu no ouriço” - conhece este significado apenas porque alguns dos seus alunos, adultos e mais velhos, naturais de Braga, realizaram um trabalho sobre palavras minhotas em desuso, no qual incluíram a palavra “cascavelho”

Conc.	Freg.	id.	Resposta efetiva
Amares	Caldelas	39	É uma castanhinha, pequenina e mirradinha
Amares	Bouro S. Maria	81	Acho que tem a ver com castanhas. A memória já me falha...
Amares	Bouro St. Maria	81	Se a memória não me falha, é o ouriço da castanha
Barcelos	Pousa	67	É uma castanha tolhida
Braga	S. Lucrécia	64	É uma castanha que não presta. É só casca.
Braga	Passos	57	É o que vem encostado às castanhas, estão coladas.
Braga	Dume	68	No ouriço, dentro, há castanhas e os cascavelhos, que são chochas
Braga	Adaúfe	69	É o que não tem o fruto. Uma castanha sem polpa.
Braga	Crespos	66	Conhece os ouriços das castanhas? Lá dentro há castanhas boas e castanhas que não prestam. São os cascavelhos.
Braga	Dume	74	É o que vem encostado à castanha boa.
Braga	Adaúfe	77	Uma parte do ouriço que fica entre duas castanhas
Braga	Adaúfe	86	Fica entre duas castanhas no ouriço
Braga	Adaúfe	55	Fica entre duas castanhas no ouriço
Braga	Adaúfe	51	Parte do ouriço que fica entre duas castanhas
Braga	Adaúfe	44	A parte que fica entre duas castanhas no ouriço
Braga	S. Lucrécia	42	Fica entre duas castanhas num ouriço. Só tem casca.
Braga	S. Lucrécia	72	Fica num ouriço, no meio de duas castanhas.
Braga	S. Lucrécia	68	Uma castanha só com casca que fica no meio de duas castanhas num ouriço.
Braga	Adaúfe	52	Acho que tem a ver com castanhas...
Braga	Adaúfe	78	É uma pessoa que está tísica. Faz-se a comparação com uma parte do ouriço. Quando uma castanha não cresce fica magra, logo faz-se essa comparação
Braga	Adaúfe	81	é um cascavelho de castanha
Braga	Tebosa	77	“o ouriço dá, em média, três castanhas; quando só dá duas boas, o cascavelho é aquela fininha, seca, que está no meio delas e não serve para comer”
Braga	Sé	81	“castanha que não pôde encher por estar apertada entre as outras duas no ouriço”
Braga	S. Vítor	71	“castanha que só tem a casca, que está vazia por dentro”
Braga*	Braga	32	(Vive em Braga mas é natural de Melgaço) “Aqueles castanhas fininhas”. Em Melgaço usa-se a palavra laverca.

Conc.	Freg.	id.	Resposta efetiva
Fafe	Fareja	47	É a coisa das castanhas.
Felgueiras	Margaride	60	Cascavelho da castanha
Felgueiras	Margaride	60	Aquelas coisinhas fininhas, quando a castanha não chega a encher.
Guimarães	Serzedo	64	O cascavelho aparta a castanha, separa as duas castanhas.
Guimarães	Selho S. Lourenço	59	Ouriço da castanha.
Guimarães	Atouguia	56	É uma castanha velha.
Guimarães	Selho S. Lourenço	45	concha existente no interior do ouriço da castanha, que não se aproveita.
Santo Tirso	S. Tomé de Negrelos	78	“palavra ligada à vida do campo; lembro-me de a ouvir na altura da apanha das castanhas, quando se abria os ouriços e se viam aquelas castanhas secas, sem fruto”
Terras de Bouro	Rio Caldo	54	É uma castanha que não tem miolo.
Terras de Bouro	Valdozende	79	Aqui toda a gente sabe o que é! São as chochas, as castanhas.
Terras de Bouro	Rio Caldo	75	Eu explico: todos os ouriços têm cascavelhos; é a castanha mirrada.
Terras de Bouro	Rio Caldo	69	São castanhas que não deram em nada.
Terras de Bouro	Valdozende	61	É uma castanha seca, só tem pele, está oca.
Terras de Bouro	Souto	38	Fica entre duas castanhas num ouriço.
Terras de Bouro	Terras Bouro	66	São os ouriços da castanha
V.N. Famalicão	Esmeriz	66	“as castanhas miúdas, secas, que só serviam para dar de comer aos porcos”

